

“NÃO POSSO DESESPERAR DA HUMANIDADE...”

Eucanaã Ferraz*

É um dos muitos poemas em que Jorge de Sena faz uma clara exposição de princípios. Abandonando a experimentação sintática e os torneios conceituais, adota a frase reta, o vocabulário regular e o tom coloquial, declarativo, como se buscasse uma familiaridade desembaraçada, livre de tudo o que pudesse nublar aquilo que se quer afirmar, sob a pena – desejada – de descer a certo registro de circunstância.

O poema foi publicado em *40 anos de servidão*, que, postumamente, reuniu inéditos de Jorge de Sena, obedecendo a plano do autor, que tencionava fazer uma espécie de balanço de quatro décadas dedicadas à poesia. Seguindo, até onde foi possível, aquelas orientações, a seleção e a organização dos poemas compõem grupos correspondentes aos períodos dos livros efetivamente publicados, de modo que cada conjunto se intitula “tempo de...” (conforme prefácio de Mécia de Sena). Assim, “Não posso desesperar da humanidade...” pertence ao grupo rematado pela rubrica “Tempo de *Peregrinatio ad loca infecta* (1959-1969)”, época que é também a do exílio no Brasil e nos Estados Unidos. Como Sena chegou à América do Norte em outubro de 1965, o poema – datado de “Madison, 30/10/65” – foi escrito logo nos primeiros dias.

Os versos parecem nascidos desta ambiguidade: em mais uma paragem estrangeira, sentimentos negativos – de recusa e de cansaço – veem-se associados a uma complacência de colorido universalista, disposição afetiva que, por fim, virá ao primeiro plano, quase como um cartão de boas-vindas dado a si mesmo.

Os dois primeiros versos apresentam de imediato o julgamento que encerra o sentido geral do poema, quando são colocados na *balança*, de um lado, a *humanidade* – vaga, óbvia, a soar como um ideal esvaziado de sentido

e a um só tempo pleno de ecos históricos convocadores de distanciamento e desconfiança crítica – e, no outro prato da ponderação, nomes que evocam vínculos com situações concretas e a realização de vidas singulares. O *juiz*, muito embora consagrado como experiente e implacável, faz-se logo indulgente pela confiança em certas experiências e personagens que remetem tanto à sua biografia afetiva quanto a uma história da literatura e da arte, e, assim, decreta que não pode “desesperar da humanidade”. Mas como se o julgamento final – expresso no início – exigisse uma retrospectiva da arbitragem, outros versos consignam a negatividade mais severa: “a América é detestável”, “a Rússia é detestável”, o Brasil, “infeliz amor”, é “ridículo”, Portugal “pode ser mau e detestável”. E, ainda, a sentença indiscutível, expressa num tom prosaico pelo que tem de tedioso e repisado: “A humanidade e as pátrias são uma chatice, eu sei.”

O poema retoma claramente um outro, “Mensagem de finados”, datado de 8-15/11/1956 e publicado em *Fidelidade*, de 1958, que se abre com o seguinte verso: “Não desesperarei da humanidade”. Quase uma década depois, portanto, após viver adversidades e tormentos que marcariam sua vida e, conseqüentemente, sua obra, Jorge de Sena reafirma seu compromisso com o humanismo que o manteve lúcido, alerta contra o que lhe parecesse contrário ao pacto inalienável que sua poesia e sua atuação como intelectual, professor e escritor estabelecera com a dignidade e a justiça.

Não era um contrato fácil de manter. A consciência histórica e a vida pessoal acumulavam desgostos, mágoas, decepções, uma carga que sobrepesava na balança, fazendo emergir a confissão do mais secreto desejo, o de desesperar: “E como eu gostaria de!”. A fidelidade de Sena foi desde sempre uma ética inabalável porque inescapável, porque era ele, mantendo-se sólida sob a pressão de quaisquer contradições e contrariedades. Era menos fácil, portanto, renunciar ao contrato que o cumprir.

Não por acaso, o poema pertence ao tempo de *Peregrinatio ad loca infecta*, do qual consta o célebre “Em Creta, com o Minotauro”, escrito apenas três

meses antes. Lê-se ali: “Colecionarei nacionalidades como camisas que se despem, / se usam e se deitam fora (...)”; “Eu sou eu mesmo a minha pátria.”; “Com pátrias nos compram e nos vendem (...)”. A recusa de Sena volta-se para os “lugares turísticos, / imensamente patrióticos”, ou ainda, como escreveria adiante numa espécie de lista prosaica e ilustrativa, para “o gesto ou as sardinhas, / o feijão ou o *sirloin*, ou a terrível capa / dos usos e costumes, da vaidade”.

Desde “Perseguição”, sua primeira coleção de poemas, Jorge de Sena buscou laços que se afastassem do lugar-comum, das vinculações enrijecidas e vazias, da facilidade imponderada com que se subjuga a liberdade, de tudo aquilo, enfim, a que Carlos Drummond de Andrade, seu amigo, chamou certa vez “o mundo caduco”.

* Poeta, seus livros de poemas foram reunidos em 2016 em um único volume – Poesia – pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa. Organizou a antologia Coral e outros poemas, de Sophia de Mello Breyner Andresen (Companhia da Letras, 2018). É professor de Literatura Brasileira na UFRJ e consultor de literatura do Instituto Moreira Salles.